

NA LUTA PARA VENCER
Saudação aos Estudantes de Educação Física
ENEEF/97 Belem - Pará

Cell Nelza Zulke Taffarel*

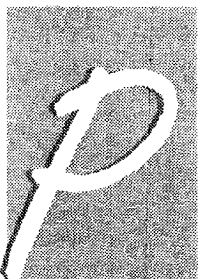
RESUMO

O texto apresenta argumentações e referencias teóricas, éticas e políticas para a organização e intervenção do profissional de EDUCAÇÃO FÍSICA na perspectiva dos interesses das classes populares, e destaca a responsabilidade dos intelectuais na construção dos rumos deste processo.

ABSTRACT

The text present argumentations and references theoreticals, ethics and politics for the organization and intervencion professional of the EDUCACION PHYSICS in the perspective of the interests people 's class and outstand the intellection 's responsibility in the construction of the ways of this process.

Sem vitória da revolução socialista no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser conduzida a uma catástrofe (TROTSKY, In: Programa de Transição, 1995, p. 43)



or reconhecer o caráter revolucionário do processo de mobilização, organização, intervenção do Movimento Estudantil, através do ENEEF, dirijo-me aos estudantes presentes em Belém/97 -

Pará, para saudá-los, almejar profícuas discussões e êxito no empreendimento de decidir os rumos das ações coletivas - lembrando que a *Tarefa Revolucionária de Defesa dos Direitos e Conquistas dos Trabalhadores* necessita que todos se disponham a: 1. Desvelar os mecanismos e leis que regem, criam e sustentam o modo de produção capitalista; 2. Analisar a máquina política do Estado burguês e suas conexões com o capital transnacional; 3. Decidir e participar da estratégia da luta de classe para derubá-lo.

É decisivo neste contexto o *Papel dos Intelectuais*, enquanto participantes da construção da direção do Movimento Revolucionário.

Segundo PETRAS (1997, p. 16)¹ É dolorosamente evidente que os intelectuais já não jogam um papel destacado como protagonistas na luta política da classe operária (...) para alguns a classe operária já não existe (...) para outros a própria noção de classe é problemática

(...) Marxismo converteu-se num termo vulgar, (...) imperialismo virou vagarefe-reência e socialismo é colocado entre aspas. Esta retirada é acompanhada por um retrocesso à democracia liberal e à economia neo - clássica.

Intelectuais em retirada não são um fenômeno novo. Além de ser um fenômeno europeu e americano, já percebido nas décadas de 30 a 50, é agora, mais do que nunca, particularmente acentuado na América Latina.

Os intelectuais em retirada deram lugar aos intelectuais institucionais, prisioneiros de seus próprios e estreitos laços profissionais, esforçam-se para obter a maior soma de dinheiro das agências de financiamento mais acessível e de fornecer argumentos para os falsos consensos, as cooptações e as falsas conciliações e as privatizações.

Transformados em *alocadores de recursos*, em *intelectuais institucionalizados* em instituições em vias de privatização ou já privatizadas, abandonaram completamente as referências revolucionárias e os princípios éticos construídos na luta histórica da classe trabalhadora. Isto revela-se no ocultamento das referências teóricas, historicamente construídas, para a produção do conhecimento científico - a dialética materialista histórica -, na manipulação do imaginário social e na inversão de causas e efeitos, no âmbito da formação acadêmica. Sem teoria revolucionária não tem prática revolucionária e vice-versa.

O Projeto de Globalização e sua expressão econômica - (ajustes estruturais), política - (reformas, privatizações); ideológica - (consensos/unanimidades

sob a ética do capital); necessita para avançar: a) de indivíduos, alienados, idiotizados, anti-revolucionários; b) de sindicatos com as *espinhas dorsais quebradas*; c) com os partidos operários independentes destruídos; d) com os movimentos sociais e populares, as ONGs cooptados; e) com a sociedade civil refém das políticas do governo, legitimando-as; f) com a intelectualidade contribuindo para a construção do falso consenso em torno da Globalização. Contra isto temos que lutar para vencer.

A linguagem e a prática conceitual de reconciliação social e política, e de construção de consensos frágeis, sob condições de absoluta regressão sócio-econômica, de massiva miséria popular e crescentes descontentamento social, são simplesmente incabíveis, trágicas, ou como diz PETRAS, surrealistas. Refletem a reconciliação dos intelectuais com os *Parâmetros das Agências Internacionais de Financiamento*.

Nesta conjuntura de desagregação social acentuada, de perda de direitos e conquistas somos chamados a luta para vencer, ao confronto, que não é tranquilo, visto que é a expressão da luta de classes na disputa por Projetos históricos. O Projeto de Globalização X O Projeto de Universalização. O projeto Capitalista X O projeto de construção do socialismo.

As políticas de Governo para a área Educacional no Brasil representam a ingerência e o controle ideológico do Estado e das elites dirigentes, articuladas ao projeto neoliberal, que tem em seus agentes financeiros internacionais o baluarte

do capitalismo. Devem, portanto, encontrar resistências em suas implementações.

A Lógica a ser desvelada, nas reflexões coletivas no ENEEF, diz respeito a construção das articulações, nexos e determinações entre:

1. Projeto de globalização X Projeto de Universalização. Manutenção do capitalismo senil X Construção do socialismo².
2. A Conjuntura Internacional e Nacional - As resistências organizadas pelos trabalhadores, as Reformas Administrativas e da Previdência, as Privatizações, as medidas constitucionais, implementadas pelo estado e suas elites dirigentes.
3. A política de governo para a Educação e seus Pilares: a) Qualidade de ensinos (com a quebra da integração entre ensino-pesquisa-extensão, quebra do Regime Jurídico único); b) Avaliação Institucional (critérios: produtividade, titulação, informatização, laboratórios de pontas, bibliotecas equipadas e atualizadas) do processo ensino-aprendizagem, o provão; c) Autonomia (Financeira rumo a privatização, mas dependência ideológica pela ingerência do Estado nos currículos, via PCNs e Avaliação).
4. A Nova LDB, O Projeto de Emenda Constitucional (PEC/370), que trata da autonomia nas IES, Os Parâmetros Curriculares Nacionais, diretrizes para o ensino fundamental (PCNs). (Anexo texto específico para debate).
5. A Intervenção profissional nos *Projetos Políticos Pedagógicos das Ins-*

tituições - Escolas, clubes, academias e outros, com base no *Ato Pedagógico de Construção de Conhecimentos para dar Direção a Formação Humana*, no âmbito da cultura corporal, legitimando a prática, não mais a partir dos argumentos exclusivos dos militares, médicos, desportistas, mas sim pela relevância social das práticas corporais para o processo de transformação social, na perspectiva da compreensão e intervenção crítica na construção de uma nova sociedade. Admitindo-se que os campos de intervenção se expandem sim, mas não somente na perspectiva dos *incluídos*, com poder aquisitivo, que se valem das práticas corporais sistematizadas nos âmbitos do lazer, educação, saúde, treino competitivo, comunicacional, mas, fundamentalmente, na perspectiva dos *excluídos*, ou seja, da inclusão dos 80% que não tem acesso as práticas e que devem ter este direito garantido, de acordo com finalidades humanizadoras e humanizantes, para a formação omnilateral do ser humano. A Intervenção profissional e a questão da Regulamentação da Profissão (Anexo texto específico para debate) - com base na inclusão dos 80% que estão excluídos, com base na ética dos trabalhadores e não da ética do Estado Burguês, com referência na conjuntura adversa e na luta operária..

6. Os estudos e projetos específicos de cada um - sujeito político, que se reconhece constituindo um *Coletivo Político*, buscando patamares de unidade na ação, a partir das problemáticas significativas, das referências teórico-metodológicas, superando a

perspectiva de indivíduos isolados agindo na perspectiva individualista ou a de atores sociais cooptados, chamados a agir somente em determinados cenários para legitimar interesses do Capital e seus agentes, o Estado e as agências financiadoras.

Neste processo, *A finalidade científica e política que perseguimos nos proibe de dar uma definição acabada de um processo inacabado. Ela nos impõe observar todas as fases do fenômeno, de fazer aparecer as tendências progressistas e reacionárias, de revelar sua interação, de prever as diversas variantes do desenvolvimento ulterior e de encontrar nesta precisão um ponto de apoio para a ação* (Trotsky, 1995).

Para contribuir com a construção de tais resistências, localização de pontos de apoio e sistematizações teóricas para avançar na luta, sugiro o aprofundamento teórico sobre o *Programa de Transição*, onde encontramos as *Premissas Objetivas da Revolução Socialista*³.

As aspirações das amplas massas, na conjuntura atual, podem ser localizadas nos movimentos como o MST (Movimento dos Sem Terra); Movimentos Cooperativos, Movimentos Associativistas; Movimentos Populares, Fóruns em Defesa da Escola Pública de Qualidade para todos; Entidades Científicas e Sindicais, ANPed, ANFOPE, ANDES, CBCE e outras⁴;

Considerando que *a ciência não é apenas um produto da razão mas um produto da sociedade, que nasce das necessidades da produção material*⁵ nos cabe agora resistir, com posição ideológica clara, o que se expressa em

uma vontade coletiva, por uma orientação histórica presente na classe trabalhadora. Lembrando que quanto menos resistência, mais avançam as políticas neoliberais.

Para os que lutam ao lado das classes populares e que não estão em retirada, mas sim, dispostos a luta para vencer, a grande referência histórica para orientar a *Prática Pedagógica*, a *Produção do Conhecimento*, a *Formação Humana* e a *Intervenção em Políticas Públicas no Âmbito da Educação Física & Esporte* é o *Programa de Transição*, onde encontramos as *Premissas Objetivas da Revolução Socialista*⁶.

Os dados da realidade atualizam os conteúdos sobre a luta de classes. A tarefa estratégica é entrar nas lutas cotidianas, para encontrar pontos de apoio entre um sistema de reivindicações que parta das atuais condições objetivas e conduza a conquista do poder. *Poder de Definir a Direção das Políticas Públicas, do Projeto de Escolarização, do Projeto Político Pedagógico da Escola e da Orientação Clara e Precisa da Prática Pedagógica*.

A tarefa não é reformar ou humanizar o capitalismo. Isto a história da luta de classes já provou é impossível⁷.

O G7 (Grupo dos Sete países altamente industrializados, os mais ricos) busca ajustes ao projeto de Globalização da economia, que significa, em última instância, estratégia para manutenção das taxas de lucro do capital, a qualquer custo, o que significa lucros das transnacionais, que desagregam Nações, destruindo sua classe operária. Tais fatos podem ser constatados nas Pesqui-

sas do Instituto de Pesquisas das Nações Unidas pelo Desenvolvimento Social, States of Dissarey, Genebra, 1995, onde são demonstrados os faturamentos das transnacionais, que não tem nenhuma instância Internacional para controlá-las, e o PIB em bilhões de dólares das Nações. Existem empresas cujo faturamento anual é maior do que o Produto Interno Bruto arrecadado pela Nação. Para regular as *Regras de Livre Comércio*, diversos países têm se aliado e criado mercados comuns e acordos internacionais: União Européia, Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA), Mercado Comum dos Países do Cone Sul (MERCOSUL), Associação dos Estados do Caribe (AEC), Os Tigres Asiáticos. Este sistema de mercados imbricados, regido pelas leis do mercado capitalista procura: *a) Trabalhadores mais produtivos a menor custo; b) Matérias primas mais baratas; c) Mínimo de regulamentação*. Para o capital, a natureza, o trabalho (o ser humano) e o dinheiro, são mercadorias. Livre de qualquer controle político ou jurídico, o mercado mundial dispõe de uma aparente legitimidade e sustentação ideológica, presente em mecanismos aparentemente, e só aparentemente, democráticos como as eleições, reformas e privatizações, consensos, desencadeados sob os auspícios de Governos aliados (submetidos, submissos, subsumidos) aos ditames do triunvirato (Banco Mundial, FMI e Organização Mundial do Comércio - resultante da unificação dos interesses das Instituições do Bretton Woods e o Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT)). O objetivo deste triunvirato e do G7, principalmente dos Estados Unidos é promover a acei-

tação (voluntária ou forçada) dos princípios econômicos neoconservadores, erroneamente denominados de neoliberais.

Estes princípios neoconservadores significam na prática: a) Instaurar um comércio livre de regulamentação, b) possibilitar a máxima integração em um mercado mundial submetido à concorrência internacional, viabilizado pela desvalorização nacional, c) assegurar a flexibilidade da mão-de-obra (deterioração dos salários e das condições de trabalho, retirada das conquistas sociais), d) privatizações, e) redução drástica do papel do Estado.

A força do triunvirato é observável nas decisões macroeconômicas que impõe, pela via do endividamento das Nações, da servidão dos países às transnacionais, pela imposição dos ajustes estruturais e pelas imposições das condições de *boa governança* - prestar contas aos cidadãos, respeito aos direitos humanos, legitimidade através de eleições e consensos forjados, estas completamente inviabilizadas e impossíveis de serem materializadas, em função dos ajustes e da submissão da economia mundial aos interesses do capital, das empresas transnacionais, sobre as quais, nem povos ou governos tem controle.

As conseqüências econômicas e sociais trágicas de tal sistema podem ser confirmadas nos dados de pesquisa apresentados por GEORGE (1995)⁸, a partir das investigações do Instituto de Pesquisa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Social. O sistema acentuou desigualdades no seio das sociedades ricas e pobres, aumentou disparidades (abismo) entre regiões de-

envolvidas e subdesenvolvidas, provocou desemprego maciço e insegurança para a maioria das populações.

GEORGE (1995, p.50) aponta o paradoxo do sistema atual:

Surpreendente paradoxo: tornou-se urgente, talvez vital, a necessidade de se proteger o mercado, de impedi-lo de se auto - destruir. Seu comportamento aberrante, já que não controlado, pode mergulhar a humanidade em um caos financeiro generalizado... o perigo de um caos financeiro generalizado, de um desmoronamento, do qual a recente crise mexicana poderia muito bem ser um indício (Susan George, socióloga americana, especialista em Dívida Externa dos Países de Terceiro Mundo).

Esta urgência pode ser confirmada nos ajustes dos planos. Podem ser confirmados também em análises rigorosas sobre os ciclos clássicos de crise do capital, a saber: a crise de superprodução, estreitamento do aparelho produtivo, destruição das forças produtivas, relançamento da produção e reconquista do mercado, e por fim, o elemento dominante, da fase atual que é ***O Parasitismo Econômico e a Especulação***. Atualmente os grandes setores de investimento do capital, onde se obtêm lucros exorbitantes são: indústria bélica, drogas, exploração sexual, pornografia, lucros especulativos do sistema parasitário. Esta é a situação qualitativamente nova, mas que já havia sido detectada e anunciada por ENGELS, em seu prefácio à edição inglesa de *O Capital*, em novembro de 1886, ou seja, a 111 (cento e onze anos) atrás.

Portanto, a incapacidade do capitalismo em abrir um futuro a humanidade pode ser verificada pelos fatos. Prossegue e agrava-se o declínio das forças produtivas neste sistema baseado na propriedade privada dos grandes meios de produção

Os problemas com a destruição da natureza, que hoje estão evidentes na destruição dos ecossistemas, na perda do capital natural, os problemas da disseminação de doenças ou perda de fertilidade, o problema dos custos sociais e ambientais dos dejetos industriais, dos conflitos gerados e sustentados pelo endividamento, não são dissociados. Isto pode ser perfeitamente detectado pois que, dos 75 países implicados em guerras há dez anos, três quartos estão endividados. Relacionam-se com a reconstituição do capitalismo para manutenção de taxas de lucros. Relacionam-se com a fase do imperialismo senil em marcha para a desagregação do mercado Mundial.

As organizações operárias independentes e a população organizada em manifestações, greves, e outras formas de luta, resistem, realizam atos concretos da luta de classes e da resistência operária, em cada país contra a desregulamentação, as privatizações e pela democracia.

Estas lutas, estas formas de resistências, expressas na grande manifestação do Ato de Londres, contra a União Européia, representam atos pela sobrevivência dos povos, dos continentes e em última instância da humanidade e do Planeta Terra. Representa mais um ato pelo direito de garantia ao pleno emprego, salários e condições de trabalho

decentes, dignos para todos, aposentadorias e um sistema de proteção social mantido e desenvolvido. Representa uma continuidade histórica de resistência, uma tradição, uma herança, das lutas operárias pelos direitos e conquistas, que passam a ser aviltadas, extirpadas, das Constituições das Nações, na forma de Reformas Administrativas.

O que é invocado pelos ideólogos da Unificação Européia - Moeda única, paz, estabilidade e crescimento econômico, aumento do poder aquisitivo e maior expectativa de vida com qualidade -, é inviável e está comprometido pela falência, já assinalada, do sistema liberal, pela desagregação social, desagregação das Nações, a formação artificial de unidades regionais e locais. E isto que a classe operária sente, vive, percebe, entende, explica e luta contra, não é suficiente aos capitalistas e seus aliados. Eles querem mais e mais lucros sem referenciais éticas nas lutas, conquistas e direitos da classe operária. O que se evidencia é a destruição da classe operária, a destruição das forças produtivas, a destruição do trabalhador, a destruição dos seres humanos, dos povos, das Nações.

Para os trabalhadores organizados trata-se de *lutar e vencer* pois esta é uma questão de civilização e democracia. A unificação da moeda na Europa é questão exclusivamente de maior flexibilidade no mercado de trabalho, de ampliação da capacidade de exploração do trabalho, da mais-valia, em última instância, do trabalhador.

A luta de resistência dos trabalhadores Europeus: - contra o Tratado de Maastricht - Unificação Européia, contra

a moeda única, pela Europa dos trabalhadores e dos povos -, é mais uma expressão da luta operária internacional que tem sua expressão em outros países, como o Equador, na *rebelião popular sem armas*, que depôs o presidente Bucaram que contactou Cavallo ex-ministro de Ménem (Argentina) para montar o Plano de estabilização equatoriano, com a implementação da *convertibilidade* da moeda pelo dólar, para atrelar a economia à dos Estados Unidos e aos interesses das transnacionais.

No Brasil esta luta está acirrada contra as privatizações, contra as reformas Administrativas e da Previdência, pela defesa dos Serviços Públicos, dentro do que localizamos a intervenção da ANDES-SN que em seu XVI Congresso, em João Pessoa (25/02 a 02/03 de 1997) reafirma a luta contra a privatização da universidade, da defesa da Autonomia universitária, em conformidade com o Projeto da ANDES para a Universidade Brasileira, assumindo como tarefa a construção da greve Geral como componente deste processo de lutas combinadas junto à sociedade civil organizada, na direção da construção da sociedade socialista: livre, justa, igualitária.

A Jornada Internacional de Protestos e Luta contra as privatizações e a desregulamentação, em defesa dos serviços públicos, pela democracia (30 e 31 de maio de 1997), representaram a articulação e a organização, em escala internacional, da resistência dos povos contra o que representa a superexploração, a destruição.

O Ato em Londres contra a União Européia representa, a determinação da classe operária, em assumir, desencade-

ar, e continuar a implementação do Plano de Lutas, tirado em Resoluções e Iniciativas apontadas na III Conferência Mundial Aberta Pela Internacional Operária. A Marcha dos *Sem-Terra* é a expressão no Brasil da resistência da classe trabalhadora.

Estes acontecimentos mundiais da luta de classes permitem reconhecer no âmbito das iniciativas e reivindicações mais específicas, de sujeitos políticos que se reconhecem em coletivos, com que critérios históricos - conceituais, éticos e processuais, devem ser encaminhadas as decisões, deliberações, iniciativas, sejam elas em uma aula ou em uma intervenção no sindicato, no partido ou no *Movimento Estudantil*. Permite reconhecer o conteúdo histórico da luta de classe - O confronto entre a produção social de bens e sua apropriação privada. O confronto pela defesa de *Direitos e Conquistas da Classe Trabalhadora*.

O momento é crucial, equivalente ao que representou, em termos de alterações da cultura e das formas de organização da vida na sociedade, a passagem do feudalismo ao capitalismo. Por um lado, a natureza, as relações entre nações, as formas de exploração das minorias e maiorias, os avanços científicos e tecnológicos, a reestruturação do mundo do trabalho, a reestruturação produtiva, as riquezas acumuladas e não distribuídas com equidade social, ; de outro a herança de lutas e resistências, as novas posturas e mentalidades, novas subjetividades, geradas neste meio, apontam para alterações significativas. É uma questão de civilização. Engendra-se algo novo, no seio do velho, na luta, na resistência. O que está apontado é a vida digna de qualidade para todos, a ser

construído pela luta dos direitos e conquistas da classe trabalhadora, a luta de reconstrução do que foi destruído, negado, usurpado. Mas isto não se faz sozinho, é o que lembram os socialistas aos liberais. Isto se conquista na *luta para vencer*, nos lembra GLUCKSTEIN.

E para vencer, avançar social e politicamente o caminho é compreender a realidade enquanto um processo em movimento, complexo contraditório, e agir sobre o todo agindo sobre suas diferentes partes, que não são compreendidas fora da relação com o todo. É neste sentido que as ações sobre qualquer problemática social, seja uma intervenção no sindicato, no partido, na aula, na produção científica do conhecimento, no *Movimento Estudantil*, implicam em ações articuladas tanto no âmbito pedagógico quanto no âmbito das condições sociais para buscar a difícil e imprescindível articulação entre os interesses imediatos e uma ação estratégica, de longo prazo, de clara conformação anticapitalista e socialista.

O que se exige é a atenção a tática, mesmo as pequenas e parciais. O movimento revolucionário defende incansavelmente os direitos democráticos dos trabalhadores e suas conquistas sociais. Esta tarefa consiste na mobilização sistemática em direção a tomada do poder. A atualização do conteúdo histórico da Frente Única, construída a base da completa liberdade na discussão mas total unidade na ação, a aliança entre trabalhadores do campo e da cidade, e o programa de revolução a partir das reivindicações das amplas massas deve ser a nossa grande referência de resistência.

A Pauta das reivindicações imediatas, mediatas e históricas deverá nascer da reflexão coletiva, também, durante o ENEEF/97.

Não podemos esquecer as lições históricas da luta dos trabalhadores pelas suas reivindicações. *Educação do povo a cargo do Estado é absolutamente anaceitável*. Uma coisa é determinar, por meio de uma lei geral, os recursos ... e outra, completamente diferente, é nomear o Estado o educador do povo. Contrariamente, o que se há de fazer é subtrair a escola a toda e qualquer influencia por parte do GOVERNO (...). *É o Estado que necessita receber do Povo uma Educação severa*⁹.

Para concluir cabe lembrar aos intelectuais em retirada que

A Indiferença opera poderosamente na história...O que acontece, não acontece tanto porque alguns querem que aconteça, mas porque a massa dos homens abdica da sua vontade, deixa fazer, deixa agrupar nós que depois só a espada poderá cortar, deixa promulgar as leis que depois só a revolta fará anular, deixa exercer o poder a homens que depois só um motim poderá derrubar (GRAMSCI, 1976, p. 121).¹⁰

Portanto,
"À LUTA PARA VENCER"

Notas

- ¹ PETRAS, James. Os Intelectuais em retirada. In: COGGIOLA O. (Org.). *Marxismo hoje*. São Paulo: Xamã, 1997.
- ² Ver a respeito COGGIOLA, Osvaldo. *Globalização e Socialismo*. São Paulo: Xamã, 1997.
- ³ Ver mais sobre Educação, capitalismo e Socialismo. In: KATZ, Cláudio &

- CAGGIOLA, Osvaldo. *Neoliberalismo ou Crise do Capital?* São Paulo : Xama, 1995. COGGIOLA, Osvaldo. *Globalização e Socialismo*. São Paulo : Xamã, 1997. FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo : Cortez, 1995.
- ⁴ Sobre o MST e outros movimentos sociais e suas formulações consultar ainda: BONIM, A. et al. *Movimentos sociais no Campo*. Curitiba : Edição Criar, 1987. EVERS, T. *A face dos novos movimentos sociais*. In: Novos Estudos CEBRAP, n.4, abril, 1984. MEDEIROS, L. S. de. *História dos Movimentos sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: FASE, 1989. POKER, José G.^a B. *A utopia em processo de experimentação: Educação e cooperação nos assentamentos segundo o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem terra*. Campina Grande : Anais do XVIII Encontro nacional do PIPSA, nov. 1996. ALENTEJANO, P. R. R. *O Sentido da reforma Agrária no Brasil dos Anos 90*. In: cadernos CEAS. Salvador, n. 166, nov./dez, 1996
- ⁵ TSYGANKOV, V. Introdução. In: Academia de Ciências de URSS (Org.). *O socialismo e a ciência*. Moscou : Progresso, 1987.
- ⁶ TROTSKY. *Programa de Transição*. São Paulo : Comissão de Formação, 1995. 55^a Aniversário do assassinato de Trotsky e 100^a Aniversário da Morte de F. Engels.
- ⁷ Ver mais a respeito In: COGGIOLA, O. KATZ, C. *Neoliberalismo ou crise do capital?* São Paulo : Xamã, 1995.
- ⁸ GEORGE, Susan. A falência do sistema liberal. In: *Atenção*. Novembro, Ano 1 n. 1, 1995. Para complementar as informações aqui expostas consultei ainda: ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho: Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho*. São Paulo, Cortez, 1995. ANDES-SN. *A carta de João Pessoa*. XVI Congresso da ANDES-SN. João Pessoa, 25/02 a 02/03 de 1997. ANDES-SN. *A Proposta da ANDES/SN para a Universidade Brasileira*. 2. Ed. Especial Atualizada e Revisada. In: Cadernos ANDES. 1996. *Comitê de Ligação do Acordo Internacional dos Trabalhadores no Brasil. Resoluções e Iniciativas: III Conferência Mundial Aberta pela Internacional Operária*, São Paulo, Dezembro 1996. ENGELS, F. *Prefácio à Edição inglesa*. In: MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. GLUCKSTEIN, Daniel. *O Imperialismo Senil*. São Paulo, Editado pela Comissão de Formação de O Trabalho - Seção Brasileira da IV Internacional Operária. 1994.
- ⁹ MARX, Karl. *Crítica ao programa de Gotha*. Coimbra : Portugal: Centelha, 1975
- ¹⁰ GRAMSCI, A. *Escritos Políticos*. Lisboa : Seara Nova, V. 01, 1976.